

Resenha

Compreender, eu diria, é saber que o sentido poderia ser outro (ORLANDI, 1993, p. 116).

Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação (ORLANDI, 1993, p. 117).

1 Que é resenha?

Para Andrade (1995, p. 60), resenha é um tipo de trabalho que “exige conhecimento do assunto, para estabelecer comparação com outras obras da mesma área e maturidade intelectual para fazer avaliação e emitir juízo de valor”.

A mesma autora (1995, p. 61) define resenha como “tipo de resumo crítico, contudo mais abrangente: permite comentários e opiniões, inclui julgamentos de valor, comparações com outras obras da mesma área e avaliação da relevância da obra com relação às outras do mesmo gênero”.

Por isso, afirma ser a resenha tarefa de professores e especialistas no assunto da obra e que ela costuma ser pedida em cursos de pós-graduação, como exercício para a realização de trabalhos complexos (monografias).

Resenha é, portanto, um relato minucioso das propriedades de um objeto, ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui várias modalidades de textos: descrição, narração e dissertação. Estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta suas conclusões e metodologia empregada,

bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação).

Além dos objetivos gerais da resenha (instrumento de pesquisa bibliográfica, atualização bibliográfica, decisão de consultar ou não o texto original), acrescentem-se os de desenvolvimento da capacidade de síntese, interpretação e crítica. Ela contribui para desenvolver a mentalidade científica e levar o iniciante à pesquisa e à elaboração de trabalhos monográficos.

A resenha crítica inclui-se entre os textos que têm por objetivo conduzir o leitor para informações puras, afirma Vanoye (1985, p. 74-75). Nesses textos, não se percebe nem a presença do emissor nem a do receptor. Daí a linguagem em terceira pessoa, implicando com isso certa neutralidade, que é, no entanto, limitada, uma vez que na seleção e organização do texto já ocorre intenção de quem escreve.

Analisando as mensagens referenciais, Vanoye (1985, p. 74) divide-as em dois tipos: a resenha e o informe:

- ❑ **Resenha:** configura-se como texto que se propõe prestar informações sobre elementos complexos. A resenha pode referir-se a elementos reais (reuniões) ou a referentes textuais (livros, peças teatrais, filmes). Há aqui resumo crítico.
- ❑ **Informe:** é assim definido o texto cujo objetivo é indicar ao leitor referentes reais, concretos. Envolve fatos, circunstâncias, cifras. São exemplos: comunicados, informes administrativos, boletins de ocorrência. Há aqui descrição.

A resenha crítica é também denominada *recensão crítica*. Ela combina resumo e julgamento de valor, ensinam Rebeca Peixoto da Silva e outros (s.d., p. 171). A Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR 6028:2003, denominou a resenha de resumo crítico. Seu objetivo é oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto à consulta ou não do original. Daí a resenha dever resumir as idéias da obra, avaliar as informações nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada.

Antonio Joaquim Severino (1986, p. 121) examina as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. O estudo dos princípios aí expostos favorece a prática da resenha. Para o autor citado, a leitura analítica é um método de estudo. Pode-se acrescentar que é a base da resenha, que, por sua vez, se revela instrumento de pesquisa.

Não obstante o rigor com que expõe a matéria, Antonio Joaquim Severino comete alguns deslizos quando defende determinados pontos de vista. Segundo o autor, os estudantes são habituados à análise de textos literários, mas apresentam dificuldades quando se trata de leitura de textos filosóficos e científicos. Afirma (1986, p. 121):

Em verdade, os textos de ciência e de filosofia apresentam obstáculos específicos, mas nem por isso insuperáveis. É claro que não se pode contar com os mesmos recursos disponíveis no estudo de textos literários, cuja leitura revela uma sequência de raciocínios e o enredo é apresentado dentro de quadros referenciais fornecidos pela imaginação, compreende-se o desenvolvimento da ação descrita e percebe-se logo o encadeamento da história. Por isso, a leitura está sempre situada, tornando-se possível entender, sem maiores problemas, a mensagem transmitida pelo autor.

A análise literária não se reduz à percepção imediata ("logo") do encadeamento da história, nem a mensagem do autor é entendida "sem maiores problemas". A crítica literária tem buscado um instrumental adequado para a análise de textos para fugir das interpretações impressionistas, das exposições subjetivistas. Northrop Frye, em *Anatomia da crítica*, faz extensa análise dos instrumentos de que um crítico literário pode valer-se no estudo e interpretação de uma obra literária.

Literatura e Filosofia merecem sempre o mesmo rigor de raciocínio, se se trata de analisar seus textos. Na análise do texto literário, o crítico não trabalha com a imaginação. Sua experiência poderá ser útil à medida que ela lhe proporciona maior competência comparativa, mas o texto sob análise é que será objeto de seu estudo. Tudo para ele convergir, e jamais poderá ser utilizado como pretexto para elucubrações de todo gênero.

Para criar condições de abordagem e inteligibilidade de qualquer texto, alguns recursos são sugeridos a seguir. Antes, porém, são pré-condições: compreender o processo de comunicação: emissor, receptor, código, mensagem, referente, repertório, e notar também que em um texto ocorrem interferências culturais e pessoais, o que põe em risco a objetividade da análise. Agora passemos às condições:

1. Delimitação da unidade de leitura.
2. Análise textual.
3. Análise temática.
4. Análise interpretativa.
5. Problematização.
6. Síntese pessoal.

O primeiro passo é, portanto, delimitar a extensão da leitura, que é realizada considerando-se sua natureza e familiaridade do leitor com o assunto tratado. A leitura de um texto é feita por etapas. Terminada uma etapa, passa-se a outra. Evitem-se intervalos longos entre uma leitura e outra, visto que prejudicam a compreensão do texto.

A análise textual compreende:

- ☐ estudo do vocabulário;
- ☐ verificação das doutrinas expostas;

bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação).

Além dos objetivos gerais da resenha (instrumento de pesquisa bibliográfica, atualização bibliográfica, decisão de consultar ou não o texto original), acrescentam-se os de desenvolvimento da capacidade de síntese, interpretação e crítica. Ela contribui para desenvolver a mentalidade científica e levar o iniciante à pesquisa e à elaboração de trabalhos monográficos.

A resenha crítica inclui-se entre os textos que têm por objetivo conduzir o leitor para informações puras, afirma Vanoye (1985, p. 74-75). Nesses textos, não se percebe nem a presença do emissor nem a do receptor. Daí a linguagem em terceira pessoa, implicando com isso certa neutralidade, que é, no entanto, limitada, uma vez que na seleção e organização do texto já ocorre intenção de quem escreve.

Analisando as mensagens referenciais, Vanoye (1985, p. 74) divide-as em dois tipos: a resenha e o informe:

- ❑ *Resenha*: configura-se como texto que se propõe prestar informações sobre elementos complexos. A resenha pode referir-se a elementos reais (reuniões) ou a referentes textuais (livros, peças teatrais, filmes). Há aqui resumo crítico.
- ❑ *Informe*: é assim definido o texto cujo objetivo é indicar ao leitor referentes reais, concretos. Envolve fatos, circunstâncias, cifras. São exemplos: comunicados, informes administrativos, boletins de ocorrência. Há aqui descrição.

A resenha crítica é também denominada *recensão crítica*. Ela combina resumo e julgamento de valor, ensinam Rebeca Peixoto da Silva e outros (s.d., p. 171). A Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR 6028:2003, denominou a resenha de resumo crítico. Seu objetivo é oferecer informações para que o leitor possa decidir quanto à consulta ou não do original. Daí a resenha dever resumir as idéias da obra, avaliar as informações nela contidas e a forma como foram expostas e justificar a avaliação realizada.

Antonio Joaquim Severino (1986, p. 121) examina as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. O estudo dos princípios aí expostos favorece a prática da resenha. Para o autor citado, a leitura analítica é um método de estudo. Pode-se acrescentar que é a base da resenha, que, por sua vez, se revela instrumento de pesquisa.

Não obstante o rigor com que expõe a matéria, Antonio Joaquim Severino comete alguns deslizes quando defende determinados pontos de vista. Segundo o autor, os estudantes são habituados à análise de textos literários, mas apresentam dificuldades quando se trata de leitura de textos filosóficos e científicos. Afirma (1986, p. 121):

Em verdade, os textos de ciência e de filosofia apresentam obstáculos específicos, mas nem por isso insuperáveis. É claro que não se pode contar com os mesmos recursos disponíveis no estudo de textos literários, cuja leitura revela uma sequência de raciocínios e o enredo é apresentado dentro de quadros referenciais fornecidos pela imaginação, compreende-se o desenvolvimento da ação descrita e percebe-se logo o encadeamento da história. Por isso, a leitura está sempre situada, tornando-se possível entender, sem maiores problemas, a mensagem transmitida pelo autor.

A análise literária não se reduz à percepção imediata ("logo") do encadeamento da história, nem a mensagem do autor é entendida "sem maiores problemas". A crítica literária tem buscado um instrumental adequado para a análise de textos para fugir das interpretações impressionistas, das exposições subjetivistas. Northrop Frye, em *Anatomia da crítica*, faz extensa análise dos instrumentos de que um crítico literário pode valer-se no estudo e interpretação de uma obra literária.

Literatura e Filosofia merecem sempre o mesmo rigor de raciocínio, se se trata de analisar seus textos. Na análise do texto literário, o crítico não trabalha com a imaginação. Sua experiência poderá ser útil à medida que ela lhe proporciona maior competência comparativa, mas o texto sob análise é que será objeto de seu estudo. Tudo para ele convergir, e jamais poderá ser utilizado como pretexto para elucubrações de todo gênero.

Para criar condições de abordagem e inteligibilidade de qualquer texto, alguns recursos são sugeridos a seguir. Antes, porém, são precondições: compreender o processo de comunicação: emissor, receptor, código, mensagem, referente, repertório, e notar também que em um texto ocorrem interferências culturais e pessoais, o que põe em risco a objetividade da análise. Agora passemos às condições:

1. Delimitação da unidade de leitura.
2. Análise textual.
3. Análise temática.
4. Análise interpretativa.
5. Problematização.
6. Síntese pessoal.

O primeiro passo é, portanto, delimitar a extensão da leitura, que é realizada considerando-se sua natureza e familiaridade do leitor com o assunto tratado. A leitura de um texto é feita por etapas. Terminada uma etapa, passa-se a outra. Evitem-se intervalos longos entre uma leitura e outra, visto que prejudicam a compreensão do texto.

A análise textual compreende:

- ☐ estudo do vocabulário;
- ☐ verificação das doutrinas expostas;

- ☐ sondagem de fatos apresentados;
- ☐ autoridade dos autores citados;
- ☐ esquema das idéias expostas no texto.

Nessa fase da leitura, busca-se responder às questões: quem é o autor do texto? Que métodos utilizou? Estudam-se o vocabulário e os conceitos utilizados, bem como assinalam-se as dúvidas. Sem a compreensão dos conceitos, a leitura fica prejudicada. Examinem-se também as referências históricas, a referência a outras doutrinas e a outros autores. Às vezes, tais fatos aparecem no texto como pressupostos, e então cabe ao leitor analisá-los, buscando esclarecimentos em dicionários, enciclopédias, manuais, livros didáticos.

A análise textual, segundo Antonio Joaquim Severino (1985, p. 127), “pode ser encerrada com a esquematização do texto” (ver “anotações esquemáticas”, no Capítulo 1 deste livro). E ainda acrescenta que o melhor procedimento para sua realização é dividir o texto em introdução, desenvolvimento e conclusão.

A análise temática apreende o conteúdo da mensagem sem intervir nele. Responde a várias perguntas:

1. De que trata o texto? E assim obtém-se o assunto (a referência) do texto.
2. Sob que perspectiva o autor tratou do assunto (tema)? Quais os limites do texto?
3. Qual problema foi focalizado? Como foi o assunto problematizado?
4. Como o autor soluciona o problema? Que posição assume? E, assim, toma-se posse da *tese* do autor.
5. Como o autor demonstra seu raciocínio? Quais são seus argumentos?
6. Há outros assuntos paralelos à idéia central?

A análise interpretativa objetiva apresentar uma posição própria a respeito das idéias do texto. Força-se aqui o autor a dialogar com o leitor. Às vezes, cotejam-se as idéias do texto original com as de outro.

Deve-se situar o autor dentro de sua obra e no contexto da cultura de sua área. Destacam-se as contribuições originais.

O passo seguinte é a crítica, avaliação ditada pela natureza do texto. Responde-se às perguntas:

1. Qual sua coerência interna?
2. Qual a originalidade do texto?
3. Qual o alcance do texto?
4. Qual a validade das idéias?

5. Qual a relevância das idéias?
6. Que contribuições apresenta?
7. O autor atingiu os objetivos propostos?
8. O texto supera a pura retomada de textos de outros autores?
9. Há profundidade na exposição das idéias?
10. A tese foi demonstrada com eficácia?
11. A conclusão está apoiada em fatos?

Faz-se então a crítica às posições defendidas no texto.

A problematização é a penúltima etapa da análise de textos. Que questões o texto levanta?

Feita a reflexão sobre o texto, possibilitada pelas fases anteriores de leitura, passa-se à síntese, que é a fase de elaboração de um texto pessoal, que reflita sinteticamente as idéias do texto original.

2 Resenha descritiva e crítica

2.1 *Resenha descritiva*

Para Fiorin e Platão (1990, p. 426), “resenhar significa fazer uma relação das propriedades de um objeto, enumerar cuidadosamente seus aspectos relevantes, descrever as circunstâncias que o envolvem”.

Dessa forma, os autores citados consideram a resenha um texto descritivo. Essa característica pode prevalecer em uma resenha, visto que o objetivo do redator é transmitir ao leitor um conjunto de propriedades do objeto resenhado. Todavia, paralelamente à descrição, a resenha também pode ter *parágrafos narrativos*, em que sobressaem aspectos relativos ao espaço e ao tempo que denotam a transformação ou a alteração dos acontecimentos ou da abordagem de um texto. Finalmente, a resenha ainda pode ter *parágrafos dissertativos* sobre o valor da obra, argumentos que comprovem a qualidade do texto ou a ausência dela.

Como pode prevalecer a descrição sobre as outras modalidades discursivas, Platão e Fiorin salientam que o procedimento do resenhista é seletivo, uma vez que não pode abarcar a totalidade das propriedades de um objeto (texto, acontecimento). O que apresentar numa resenha depende da finalidade que se tem em vista, ou mesmo dos tipos de leitor que se pretende atingir. Pedem o autores que sejam consideradas duas resenhas sobre um mesmo objeto, o treinamento dos atletas para uma copa mundial de futebol. Uma resenha seria destinada a uma coluna esportiva de um jornal e a outra, ao departamento médico que integra a comissão de treinamento. Enquanto o jornalista salientaria as qualidades de um

atleta, as jogadas, os gols; a resenha para o departamento médico se ocuparia de outros fatos e simplesmente desprezaria os pormenores jornalísticos citados.

Entre os objetos que podem motivar uma resenha, salientam os autores citados: um jogo de futebol, uma comemoração solene, um romance, uma peça de teatro, um filme.

Na resenha de livros, evidentemente, há aspectos que normalmente não interessam ao leitor de jornais, como, por exemplo, o custo de produção e os direitos autorais.

A resenha que, além de aspectos descritivos, apresenta julgamento ou apreciação da obra, notas e correlações estabelecidas pelo juízo crítico de quem a elaborou é chamada por Platão e Fiorin de *resenha crítica*.

A estrutura da resenha descritiva de um texto seria:

- ☐ nome do autor (ou dos autores);
- ☐ título e subtítulo da obra (livro, artigo de um periódico);
- ☐ se tradução, nome do tradutor;
- ☐ nome da editora;
- ☐ lugar e data da publicação da obra;
- ☐ número de páginas e volumes;
- ☐ descrição sumária de partes, capítulos, índices;
- ☐ resumo da obra, salientando objeto, objetivo, gênero (poesia, prosa, dramaturgia, ensaio literário, político);
- ☐ tom do texto;
- ☐ métodos utilizados (como o autor construiu sua obra);
- ☐ ponto de vista que defende.

Esses são os elementos que compõem uma resenha descritiva. É de salientar que, normalmente, as resenhas publicadas em periódicos não apresentam apenas a característica descritiva; elas manifestam apreciações e julgamentos sobre as idéias e pontos de vista defendidos pelo autor. Exemplos de resenha descritiva:

1º Exemplo

Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos (218 páginas), de Eni Puccinelli Orlandi, publicado (2001) pela Editora Pontes de Campinas, é uma obra composta de 13 capítulos. Entre eles, ressaltam-se: Análise de discurso e interpretação; A escrita da análise de discurso; Os efeitos de leitura na relação discurso/texto; O estatuto do texto na história da reflexão sobre a linguagem; Do sujeito na história e no simbólico; Ponto final: interdiscurso,

incompletude, textualização; Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer; Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana; A textualização política do discurso sobre a terra.

A obra da Profa. Eni Puccinelli tem como objeto o discurso e seu funcionamento, área da qual jamais se afastou, como se pode verificar pelas dezenas de textos que publicou. Procura, na obra atual, dar resposta às questões “o que é texto?”, “como se textualiza um discurso político, um discurso jurídico, um discurso científico?”, “como os boatos funcionam no espaço social e político?” Ocupa-se a autora das diferentes maneiras pelas quais os sentidos são constituídos, são formulados e circulam. Essas maneiras de constituição dos sentidos são decisivas para a relação do homem com a sociedade, a natureza e a história. O texto é o momento fundamental da significação em que o sujeito, ao dizer de um modo e não de outro, define a maneira como o sentido faz sentido não apenas para ele mesmo, como também para os outros, para a sociedade em que vive.

A autora adota a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, como o leitor pode verificar pela bibliografia utilizada, pelos posicionamentos e pelos conceitos de que se vale para explicar o discurso. A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. E é essa mediação, que é o discurso, que torna possível a permanência e a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. Entre outros, o leitor vai deparar com autores citados como Courtine, Ducrot, Maingueneau, Pêcheux. Considera a autora, antes de tudo, a Análise de Discurso uma disciplina da interpretação. Trabalha não só a textualização do político, mas também a política da língua que se materializa no corpo do texto, ou seja, na formulação, por gestos de interpretação que tomam forma na textualização do discurso. Interessa-se pela determinação histórica dos processos de significação, pelos processos de subjetivação, pelos processos de identificação e de individualização dos sujeitos e de constituição de sentidos, assim como por sua formulação e circulação.

Outras informações o leitor poderá obter ao tomar a obra em suas mãos.

O resenhista pode iniciar seu texto de variadas formas:

- ☐ informar o leitor quem é o autor da obra; nesse caso, pode colher essas informações nas orelhas ou na quarta-capa do livro; às vezes, essas informações podem ser obtidas de uma apresentação feita ao livro por terceiros; catálogos da editora. Para discorrer sobre um autor, a estrutura é a seguinte: o que faz, onde atua, titulação acadêmica, obras publicadas;
- ☐ apresentar brevemente o conceito do objeto do livro, esclarecendo o leitor sobre a área que o assunto cobre, sua importância, em que pé se encontra o desenvolvimento científico ou das pesquisas na área;

- ❑ contar uma passagem da vida do autor, como o conheceu, uma palestra em que o resenhista esteve presente;
- ❑ discorrer sobre a expectativa da publicação, número de meses ou anos em que o autor não publicava; última publicação, relevância de suas idéias para o meio;
- ❑ relacionar idéias atuais com antigas já publicadas em outros livros; reformulações que ocorreram, transformações, progressos.

Como o leitor pode perceber, o resenhista precisa ter conhecimentos na área: saber onde pisa, quem são os autores que publicam sobre o assunto, estágio atual da pesquisa. Não se pede a uma pessoa que não conheça crítica literária, por exemplo, para resenhar um ensaio literário sobre Machado de Assis. Não obstante isso, o aluno de qualquer curso deve iniciar-se na prática da resenha para, paulatinamente, adquirir habilidade para vir a escrever resenhas sobre a área de sua especialidade. Deve dominar a estrutura da resenha; *saber que resenha não é resumo da obra*, nem transcrição de trechos. Deve ter habilidade para argumentar e esquecer tanto os elogios sem fundamento, como a crítica descabida. Deve ter bom-senso para ficar equidistante dos posicionamentos rígidos, das mesquinharias que aviltam o trabalho alheio. Um exemplo: com frequência, podem ser encontradas nos jornais e revistas resenhas que comentam sobre deslizes de traduções. Muitas vezes, são minúcias tão insignificantes ou um número tão pequeno de problemas que se nota ausência de equilíbrio na crítica. Tanto o elogio quanto a crítica devem ficar restritos à obra e jamais atingir o autor.

2º Exemplo:

Ingedore G. Villaça Koch oferece a seu público leitor mais uma obra que trata de texto e linguagem: *Desvendando os segredos do texto*, de 168 páginas, publicado em 2002 pela Editora Cortez, de São Paulo. A obra é composta de duas partes e 11 capítulos, assim distribuídos: Concepções de língua, sujeito, texto e sentido; Texto e contexto; Aspectos sociocognitivos do processamento textual; Os segredos do discurso; Texto e hipertexto; A referenciação; A progressão referencial; A anáfora indireta; A concordância associativa; A progressão textual; Os articuladores textuais. Finalmente, em epílogo, apresenta “Linguística textual: quo vadis?”

Em *Desvendando os segredos do texto*, a Profa. Ingedore baseia-se em pesquisas recentes que desenvolve no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

O objeto da obra da Profa. Ingedore é a reflexão sobre a construção textual dos sentidos. Ela que sempre se ocupou da Linguística Textual, examina, neste livro, as atividades de referenciação, as estratégias de progressão tex-

tual, os processos inferenciais envolvidos no processamento dos diferentes tipos de anáfora, os recursos de progressão e manutenção temática, de progressão e continuidade tópica e o funcionamento dos articuladores textuais. Assim, ocupa-se da articulação entre os dois grandes movimentos cognitivo-discursivos de retroação e avanço contínuos que orientam a construção da trama textual.

O resenhista pode perceber que nem sempre se ocupará de todos os elementos estruturais de uma resenha. Há livros em que comentar a metodologia utilizada é relevante; há outros em que é preciso discorrer sobre o autor, o progresso, a reformulação de suas idéias, as transformações; outros em que um comentário sobre a qualidade ou deslizes da tradução é que é importante. O que é fundamental numa resenha descritiva de um livro é indicar o autor, o título da obra, a editora, o ano da publicação, os capítulos que compõem o livro (informar o título de cada capítulo) e um resumo do texto que informe o objeto da obra e o objetivo. E como foi afirmado: como se trata de um texto descritivo, o resenhista precisa fazer uma seleção das propriedades do objeto de sua resenha. Jamais poderá abarcar a totalidade delas.

A resenha crítica contém, além dos elementos constantes da resenha descritiva, comentários sobre as idéias do autor e julgamentos do resenhista sobre as qualidades da obra.

Para ampliar a habilidade prática de um resenhista iniciante, recomenda-se a leitura de resenhas que podem ser encontradas em jornais, como *Folha de S. Paulo* (aos sábados, no caderno Ilustrada), *Jornal de Resenhas*, publicado uma vez por mês pela *Folha de S. Paulo* (em geral, na primeira quinzena do mês), *Jornal da Tarde*, revista *Cult*; *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (publicada esta última pela Editora 34, traz ao final um conjunto de resenhas – veja, por exemplo, o nº 1, 2000).¹ Ao final do livro *Machado de Assis: antologia e estudos*, publicado pela Ática (1982), organizado por Alfredo Bosi, José Carlos Garbuglio, Mario Curvello, Vantim Facioli, há um conjunto de resenhas de obras de ensaístas de Machado de Assis. O resenhista iniciante também deve exercitar-se na leitura e prática de outros tipos de resenhas, como exposição de obras de arte, CD, peça teatral, espetáculos de dança. Todos esses tipos de resenhas são encontrados com frequência em jornais e revistas, alguns com menos qualidade que outros, mas muitos com excelente desempenho e escritos por renomados professores de várias universidades.

¹ Há outras fontes a serem consultadas, principalmente revistas científicas ou endereçadas a áreas específicas, ou revistas de universidades.

2.2 Resenha crítica ou científica

Na resenha crítica, como já foi exposto, além dos elementos descritivos e narrativos, há os dissertativos, a defesa de um ponto de vista, a apresentação de argumentos, provas. Tome-se, por exemplo, a resenha de um CD de Cássia Eller, publicada na *Veja*, de 4 de dezembro de 2002. As apreciações ou juízos avaliativos são os seguintes:

Quando morreu, em dezembro de 2001, Cássia Eller estava empenhada em realizar uma metamorfose artística. Cansada do rótulo de roqueira barulhenta, ela queria consolidar a imagem de excelente intérprete, o que de fato era.

Já a primeira afirmação que abre a resenha revela um resenhista (Sérgio Martins) conhecedor da cantora e de sua obra. Na segunda, o leitor toma conhecimento de que a cantora não gostava do rótulo de “roqueira barulhenta” e de que “ela queria consolidar a imagem de excelente intérprete, o que de fato era”. Esta última frase revela uma avaliação do resenhista, um juízo de valor. Para consolidar a imagem de excelente intérprete, lançaria em 2002 um disco com canções inéditas de Chico Buarque, Djavan, Lenine. E faz em seguida nova avaliação:

O CD póstumo 10 de Dezembro (o título é a data de aniversário da cantora), que chega às lojas na semana que vem, é fiel ao desejo de Cássia.

Nova avaliação aparece quando afirma que o CD traz 11 faixas registradas pela artista em diferentes fases, durante *shows* ou gravações informais:

Transformar essas gravações precárias em material audível não foi tarefa das mais fáceis. A versão de *All Star*, em que uma orquestra acompanha Cássia, é desde logo candidata a *hit*.”

E mais à frente: “Conseguiram bons resultados em várias faixas.”

O conhecimento do resenhista da obra e da cantora aparece em outra parte do texto:

Podem-se destacar ainda *Get Back* e *Julia*, duas *covers* dos Beatles – um grupo adorado por Cássia, que tinha um caderno apenas para anotar as letras de suas músicas.

Esses pormenores da vida de um autor, cantor, pintor, dançarino, diretor de um filme dão credibilidade ao resenhista; mostram que se trata de alguém que dispõe de conhecimentos para discorrer sobre a obra de um artista ou autor. Em outra passagem da resenha, afirma que o filho de Cássia Eller e Maria Eugênia Martins, companheira de Cássia durante 14 anos, “não tiveram coragem de ouvir as músicas do novo disco”. E avalia: “De certa forma, continuam em luto. Para

suportar a perda de Cássia e reestruturar-se como família, estão freqüentando uma terapeuta.”²

Tome-se agora a resenha de Marília Pacheco Fiorillo, publicada na *Veja*, de 6 de novembro de 2002. Ela aborda *Homem duplicado*, obra de José Saramago. Afirma, avaliando:

Saramago conta que imaginou o livro a partir do título. Naturalíssimo, pois o título por si só é quase um gênero literário, aquele que trata do duplo do “doppelgänger”, do gêmeo maléfico.

Em seguida, faz referência a outro duplo da literatura, criado por Robert Louis Stevenson: Dr. Jekyll que se transformava em Mr. Hyde. E afirma: “Em geral fábulas morais, histórias de duplos costumam pôr em ação o bem contra o mal. Mas não é o que acontece em Saramago.”

Toda a resenha é permeada de afirmações avaliativas, como em:

Já o autor português, com seu estilo digressivo, de cadência melancólica e regular como a de um fado, afasta o clima de pesadelo. Nada daquela estranheza, penumbra e sussurros que nos trazem Hyde – ou o William Wilson de Edgar Allan Poe, ou o Frankenstein de Mary Shelley. Talvez porque estes, apesar de funestos, possuam um certo humor. Tertuliano e Claro são sisudos demais para ser sinistros. São, provavelmente, o primeiro caso de duplo fantasmagórico em que tudo se passa de maneira um bocado natural.

Na resenha crítica, o leitor espera um posicionamento do resenhista; ela não pode ser fria e distante, temerosa de comprometimento, sob pena de tornar-se um texto indigesto, desinteressante. Todavia, os juízos avaliativos precisam apoiar-se em fatos, em provas, em argumentos consistentes. Afirmações genéricas pouco acrescentam, ou revelam desinteresse em aprofundamento da análise. Os juízos avaliativos também devem ser claros, para que o leitor possa concluir sobre a validade da aquisição ou leitura da obra. Deve ficar claro para o leitor se o resenhista adota como positivo ou negativo os posicionamentos, os conceitos, as idéias da obra resenhada.

A leitura e a redação de resenhas constituem exercícios que melhoram a qualidade da leitura e da redação.

Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, em *Fundamentos de metodologia científica* (1995b, p. 245), apresentam modelo para a prática de resenhas científicas.

² Resenhas produzidas por jornalistas contam com o apoio em textos informativos (*press releases*) que editores, gravadoras, produtores de espetáculos enviam aos jornais. São textos semiprontos que chegam às mãos do jornalista e que, em geral, apresentam informações que podem ter sido elaboradas pelos próprios autores ou tradutores. Daí os pormenores que deixam o leitor curioso sobre como o resenhista teria chegado a tais informações.

1. **Referência bibliográfica:**

- Autor.
- Título da obra.
- Elementos de impressão (local da edição, editora, data).
- Número de páginas.
- Formato.

Exemplo:

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1980. 522 p. 14 × 21 cm.

2. **Credenciais do autor:**

- Informações sobre o autor, nacionalidade, formação universitária, títulos, livro ou artigo publicado.

3. **Resumo da obra (digesto):**

- Resumo das idéias principais da obra. De que trata o texto? Qual sua característica principal? Exige algum conhecimento prévio para entendê-la? Descrição do conteúdo dos capítulos ou partes da obra.

4. **Conclusões da autoria:**

- Quais as conclusões a que o autor chegou?

5. **Metodologia da autoria:**

- Que métodos utilizou? Dedutivo? Indutivo? Histórico? Comparativo? Estatístico?
- Que técnicas utilizou? Entrevista? Questionários?

6. **Quadro de referência do autor:**

- Que teoria serve de apoio ao estudo apresentado? Qual o modelo teórico utilizado?

7. **Crítica do resenhista (apreciação):**

- Julgamento da obra. Qual a contribuição da obra? As idéias são originais? Como é o estilo do autor: conciso, objetivo, simples? Idealista? Realista?

8. **Indicações do resenhista:**

- A quem é dirigida a obra? A obra é endereçada a que disciplina? Pode ser adotada em algum curso? Qual?

A resenha não é, pois, um resumo. Este é apenas um elemento da estrutura da resenha. Além disso, acrescenta-se: se, por um lado, o resumo não admite o juízo valorativo, o comentário, a crítica; a resenha, por outro, exige tais elementos.

Em alguns casos, não é possível dar resposta a todas as interrogações feitas; outras vezes, se publicada em jornais ou revistas não especializados, pode-se omitir um ou outro elemento da estrutura da resenha. Numa publicação científica, porém, observar com rigor os pontos salientados.

Acrescente-se: se bem redigida, a resenha é um valioso instrumento de pesquisa; se, no entanto, a crítica apresentada é impressionista (gosto/não gosto), a resenha deixa de ter interesse para o pesquisador.

Veja-se um exemplo:

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta*: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. 214 p.

Informações sobre o autor

Já foram publicadas cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, a Oneyda Alvarenga (*Mário de Andrade*: um pouco), a Álvaro Lins, a Fernando Sabino (*Cartas a um jovem escritor*), a Carlos Drummond de Andrade (*A lição do amigo*), a Prudente de Moraes Neto, a Pedro Nava (*Correspondente contumaz*), a Rodrigo de Melo Franco, e Anita Malfatti. Em todas elas, é possível verificar a surpreendente revelação da personalidade de Mário de Andrade, seus conhecimentos, suas preocupações, sua dedicação à arte, o entusiasmo com que tratava os escritores iniciantes.

Gênero da obra

Em *Querida Henriqueta*, reunião de cartas de Mário à poetisa Henriqueta Lisboa, Mário é tão generoso quanto o fora em *A lição do amigo*, tão competente quanto o fora nas cartas a Manuel Bandeira. A exposição é sempre franca, os temas abordados variados e a profundidade e o valor humano notáveis. Para alguns, as cartas de Mário, em seu conjunto, estão no mesmo nível que suas criações literárias.

Resumo ou digesto

É possível ver nas cartas o interesse de Mário pela motivação dos iniciantes, analisando com dedicação e competência tudo o que lhe chegava às mãos. Há em seu comportamento o sentido quase de missão estética. As recomendações são as mais variadas: ora sugere alterações, ora a supressão, ora o cuidado com o ritmo, ora com as manifestações de conteúdo cultural. Não é o mestre que fala, mas o amigo. Não é o professor, mas o artista experiente, que sabe o que diz e por que o diz, que tem

consciência de tudo o que fala, que leva o trabalho artístico muito a sério. As considerações não são, no entanto, apenas de ordem técnica. Mário de Andrade, por sua argúcia crítica, penetra na análise psicológica. Assim, examina os retratos feitos por diversos artistas, como Portinari, Anita Malfatti, Lasar Segall. Segundo ele, Segall ter-se-ia fixado em seu lado obscuro, quase oculto, malévolo de sua personalidade.

A relação angustiada do autor de *Macunaíma* consigo mesmo aparece nas cartas a Henriqueta Lisboa. Da mesma forma, aparecem o problema do remorso e da culpa, o cansaço diante da propaganda pessoal, do prestígio, da notoriedade, da polêmica. Não silencia sequer a análise das relações com a família. Aqui, não é a imagem de Mário revolucionário e exuberante que apresenta. Não. Também não há lamentações: tudo é exposto com extrema lucidez quanto às virtudes e defeitos. Mário abre o coração numa confiança de quem acredita na amiga e nas relações humanas.

Avaliação (Apreciação)

As cartas foram escritas de 1939 a 1945, quando Mário veio a falecer. E são mais do que uma fonte de informação ou depósito de idéias estéticas: são um retrato de seu autor, com suas angústias e expansões de alegria, de emoção e de rigidez comportamental.

Na resenha apresentada, há informações bibliográficas logo no início: nome do autor, título do livro, local da publicação, editora, ano de publicação, número de páginas.

Falta algum elemento da estrutura da resenha? Quais? São importantes? Devem ser ressaltados? Por quê? Informações como número de páginas e tamanho físico do livro são relevantes? Por quê?

Expõe, em seguida, informações sobre várias publicações de Mário de Andrade. Em vez de optar pela biografia do autor, preferiu elencar obras epistolares. Que você acha disso? Tal procedimento é correto? Que considerações faria a esse respeito? Ou seria melhor informar sobre sua vida e sobre sua obra de modo geral? No caso presente, somente os leitores de Mário saberiam que é autor de obra ficcional? Um leitor desprevenido saberia onde e quando teria nascido? Essa informação é importante?

A obra caracteriza-se como do gênero epistolar. Não se trata de romance nem de contos, mas de cartas de Mário de Andrade a uma amiga sua. Você sabe algo sobre Henriqueta Lisboa? Seria importante ressaltar quem é ela? Ou essa informação é destituída de valor?

As cartas trazem informações sobre poética, o que Mário entende por poesia, sobre procedimentos, contêm orientações. De modo geral, trata de questões estéticas, fala sobre a arte. E, assim, o autor da resenha vai resumindo as cartas de Mário que compõem esse volume.

O resumo da obra (digesto) aparece nos demais parágrafos. O autor preferiu comentar a obra em sua totalidade a simplesmente resumi-la, ou, se quiserem, resumi-la, comentando-a. Em vez de uma abordagem estanque dos elementos de uma resenha, preferiu a dinâmica: conforme vai apresentando as idéias, vai tecendo comentários. Que você acha deste método? Você tem uma idéia de que trata o texto, ou simplesmente tem informações insuficientes? Não seria desejável um resumo, com as informações progressivas, conforme aparecem na obra? Com base nas informações, é possível identificar real interesse pela obra? As informações não são excessivamente vagas? Gerais?

A crítica valorativa ou apreciativa do resenhista aparece particularmente no último parágrafo. Como não se trata de obra didática, ele evitou recomendá-la, mas é claro que, diante do exposto, os que se interessam pela obra de Mário e, em especial, por sua poética não podem deixar de lê-la.

Há algum valor em recomendar uma obra? O estudioso, através dessa informação, pode tomar alguma decisão? Você colocaria ou não essa informação numa resenha? Por quê?

Como se verifica, a resenha apresentada, ou arremedo de resenha, é mais crítica que descritiva. Estruturalmente, deixou de lado alguns elementos que seriam desejáveis a um pesquisador. No entanto, como exemplificação, foi feita para esclarecer alguns pormenores, para levar o leitor à reflexão. Seus defeitos podem servir como orientação que predisponha o leitor a uma prática correta.

3 Comentários sobre os elementos estruturais da resenha

Qual a importância de dizer o nome do autor por extenso e não abreviadamente? Ora, pode ocorrer que uma abreviatura leve a uma confusão; poderá haver mais de um autor com o mesmo nome; daí a necessidade de indicações precisas. Inicia-se a referência pelo sobrenome do autor, com letras maiúsculas; em seguida, colocam-se o nome e outros sobrenomes, se houver.

O título da obra é sublinhado (itálico). A observação dessa convenção facilita o reconhecimento de que se trata de obra e não de nome de pessoa (saliente-se que há obras cujo título é o nome de uma pessoa). Utiliza-se inicial maiúscula apenas para o primeiro nome do título, os demais nomes são grafados com letras minúsculas. Se houver subtítulo, esse é separado do título por dois-pontos. O subtítulo não é sublinhado (itálico). Em geral, ele aparece na capa do livro em caracteres menores que o do título principal.

O local de publicação é também importante, uma vez que esclarece ao leitor se pode ter fácil acesso a ele. Se o texto for publicado em país distante, o acesso ficará um pouco mais difícil; se publicado numa capital do Brasil, particularmente em São Paulo ou no Rio de Janeiro, poderá ser procurado imediatamente nas livrarias dessas cidades. Se a obra foi publicada numa cidade do interior do Brasil, outros procedimentos deverão ser adotados para sua localização.

A editora que publicou a obra é outra informação relevante. Se se tratar de uma casa publicadora conhecida, com distribuição pelo Brasil inteiro, fácil será seu acesso, mas se se tratar de uma publicação com circulação restrita, ou de algum órgão público, o leitor pode imaginar quanta dificuldade terá para entrar em contato com essa obra. Com informações precisas, poderá, no entanto, de uma forma ou de outra, entrar em contato com as informações ali expostas.

O ano de publicação interessa também ao pesquisador. Uma obra do século passado pode oferecer informações limitadas se se tratar de ciência que avançou nos últimos tempos. Por outro lado, há obras que são clássicas. Além disso, uma edição do século passado, se revista pelo autor, poderá ganhar em relevância, por oferecer segurança de informações.

Informação sobre edição é igualmente importante. A última edição pode ser a desejável. Em alguns casos, a edição *princeps* é que é a mais procurada e que mais interessa ao pesquisador.

O número de páginas é informação que interessa pela razão de que um assunto que exige profundidade de tratamento não pode ser objeto de um opúsculo diminuto. Com essa informação, o pesquisador pode criar uma expectativa sobre a obra.

Igualmente, podem-se oferecer ao leitor da resenha dados descritivos do tamanho físico do volume. Há livros em miniatura que ilustram apenas a habilidade do editor. Há coleções de grandes poetas que servem para ornamentação, devido sobretudo ao tamanho reduzido em que foram feitos os livros. Não têm fins didáticos, ou de pesquisa.

Os jornais costumam ainda apresentar o preço do volume ou volumes e endereço da editora. É mais uma orientação para o leitor, talvez necessária para sua decisão de comprar ou não a obra.

As *credenciais da autoria* indicam a relevância do autor. Quem é ele? Quais são seus títulos? Merece ser lido? Parece haver aqui resquício do argumento de autoridade;³ por isso, o exame desse elemento da resenha deve ser observado

³ Para Nericí (1982, p. 20), a verdade pode ser obtida por meio de seis critérios: experiência, necessidade lógica, sentido comum, consenso universal, evidência e, finalmente, pelo critério de autoridade: "O homem, individualmente, não pode verificar todos os detalhes e todos os fatos, por isso mesmo tem de dar crédito a pessoas que se impõem pela sua probidade e responsabilidade social, científica, cultural ou religiosa."

com cautela. O preconceito não traz benefícios à ciência. Se possível, diga de onde ele é; onde faz pesquisas; onde leciona, que obras publicou. Tornou-se relevante por algum fato?

O resumo da obra deve estampar, particularmente, o que foi objeto de estudo da obra. Qual seu assunto? De que perspectiva (tema) é tratado o assunto, a referência? Observe-se que o resumo deve ser realizado respeitando a progressão das idéias. Uma resenha não é feita a partir de informações de quarta-capa, de orelha, ou de prefácio. O resumo tem como objeto o próprio texto e não outro resumo. As orelhas e as quartas-capas oferecem informações reduzidas, com linguagem persuasiva. Seu objetivo é vender o livro. Já o resumo, numa resenha, objetiva informar o leitor sobre o que contém o livro, qual sua estrutura, quantas partes tem, quantos capítulos, qual a profundidade e a extensão dos assuntos abordados.

➤ No tópico *conclusões do autor*, é preciso dizer a que conclusões o autor chegou. Não diga as conclusões a que você chegou, mas as do autor da obra. Daí a necessidade de leitura atenta, marcando-se à margem do texto as conclusões do autor. Às vezes, elas estão distribuídas por todo o texto. Observar, pois, palavras como: *portanto*, *logo*, *em consequência* e outras de valor semântico equivalente. Para facilitar o trabalho de redação da resenha, pode-se utilizar o sinal *c*, à margem do texto, sempre que o autor fizer uma observação conclusiva.

➤ Que *métodos* o autor utilizou? Partiu de um exemplo? Partiu de um princípio geral? Qual o gênero do livro? Evidentemente, esta informação é importante. Um estudo crítico sobre Gregório de Matos, por exemplo, é diferente de uma obra romaneada sobre a vida de Gregório de Matos. Diga ao leitor o tipo de livro objeto da resenha.

— Diga também em que autores o autor se apoiou. No final deste livro, apresenta-se uma resenha de Machado de Assis. Verifique que, para comentar *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, ele foi buscar informações em Zola. Leia atentamente o texto e colha nele essas informações. Diga apenas alguns nomes relevantes, sem se preocupar em ser exaustivo. Entre os autores citados, diga aqueles que serviram de apoio; se houver algum relevante que foi contestado, também poderá citá-lo. Atenção: não copie a bibliografia; encontre os autores importantes para a defesa das idéias no próprio texto.

Uma apreciação do resenhista é sempre desejável. Resenha sem manifestação crítica revela leitor passivo. A obra esclarece algum ponto obscuro? Há originalidade na exposição? Revela-se apenas uma coleção de fichas, de informações colhidas aqui e ali?

Finalmente, pode-se indicar a obra ao leitor, dizendo a quem o texto se dirige especificamente.

Exercícios

1. Ler atentamente o texto seguinte e responder às questões formuladas:

PIRANDELLO, Luigi. *Henrique IV*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas. São Paulo: Edusp, 1991.

Luigi Pirandello é natural de Agrigento. Nasceu na Sicília, em 1867, e morreu em Roma, em 1936. Romancista, contista, poeta, ensaísta, dramaturgo. Uma de suas obras mais famosas e constantemente representada é *Seis personagens à procura de um autor*, de 1921.

Esta tradução oferece ao leitor brasileiro a oportunidade de conhecer o texto de Luigi Pirandello, que focaliza o homem que enlouquece, vítima de uma experiência desastrosa. Recupera sua saúde mental, mas prefere continuar fingindo-se louco, uma vez que se sente incapaz de enfrentar a realidade. Assim, o autor rompe os limites da loucura e da sanidade, da ilusão e da realidade, e já não pode saber o que é a verdade. Erige-se, portanto, o reino da total relatividade.

O leitor está diante de uma obra teatral do maior dramaturgo deste século. Um autor que é, ao mesmo tempo, irônico, sagaz e, às vezes, até pessimista. O significado de sua obra não pode ser apreendido imediatamente, numa leitura linear, ou como espectador burguês, freqüentador de teatro para puro exibicionismo ou divertimento. É grande a profundidade das colocações de Pirandello e, conseqüentemente, grande seu valor, bem como o prazer que se extrai do texto. Pirandello destaca-se particularmente pela análise que faz da realidade/ilusão, falso/verdadeiro, a verdade das relações humanas e a máscara social.

Para a crítica, o autor de *O falecido Matias Pascal* é considerado um autor intelectual, muito mais para ser lido e refletido que, propriamente, representado. Engano. Sua representação consegue manter o espectador atento, tenso com o desenrolar da ação e é capaz de levá-lo ao entendimento das idéias que subjazem ao texto. Em verdade, o autor criou um estilo próprio, inconfundível.

Em *Henrique IV*, a personagem principal inventa para si uma personagem e transforma sua vida numa representação. Os espectadores e as próprias personagens que contracenam com Henrique IV vêem-no como louco, que pensa ser o imperador alemão do século XI. Vive numa casa de campo há 20 anos. Seus parentes transformaram a propriedade em um palácio e contrataram empregados para representar os mais diversos papéis, inclusive o de conde e de conselheiros.

Assim, todas as personagens representam para Henrique IV e alimentam sua loucura com encenações de situações históricas vividas pelo imperador alemão, particularmente suas discórdias com o papa Gregório VII.

No segundo ato, Henrique IV revela aos empregados que sua loucura tivera a duração de 12 anos e que há oito anos está totalmente lúcido, isto é, somente nos últimos anos é que vinha representando, com tanta competência que ninguém percebera nada.

Por que Henrique IV prefere a máscara da loucura à lucidez? Para rebelar-se contra a idéia de que o homem é o que a sociedade quer que seja. Retornando à vida normal, os outros é que lhe imporiam uma máscara, roubando-lhe a liberdade de ação. Com a loucura, pode tomar a iniciativa e submeter todos a seus caprichos e desejos. Prefere a loucura à sanidade para poder viver com prazer, viver para “vingar-me da brutalidade de uma pedra que me machucara a cabeça!”

A desgraça de Henrique IV fora causada pela marquesa Matilde Spina e seu amante Belcredi. Apaixonado, fantasiara-se de Henrique IV numa fatídica cavalcada que terminou com sua queda, após seu cavalo ter sido ferido pelo rival. Ódio e vingança explodem então dentro dele.

Após a revelação da personagem principal a seus empregados, a peça ganha ritmo tenso, alcançado pela ambigüidade que permanece até o fim.

Henrique IV apóia-se no enigma da lucidez/loucura, ser/parecer louco, que provoca tanto espectadores quanto leitores. Até o segundo ato o espectador tem a certeza de que a personagem está louca; daí em diante não poderá afirmar categoricamente sua lucidez. *Henrique IV* a todos confunde, misturando fatos da vida real com os da vida da personagem criada para si.

Ao final, o protagonista fere Belcredi com uma espada, concretizando sua vingança. E, assim, condena-se ao uso da máscara para sempre, uma única defesa contra a punição pelo assassinio de Belcredi. Agora, a máscara será uma imposição, uma prisão. E a personagem acaba não tendo outro nome que o de sua máscara.

Dividir o texto anterior segundo a estrutura da resenha. Indicar onde começa e termina determinado elemento:

- a) Referências bibliográficas: _____
- b) Credenciais do autor: _____
- c) Resumo da obra (digesto): _____
- d) Conclusões do autor (se são mencionadas): _____
- e) Metodologia da autoria: _____

f) *Quadro de referências do autor:* _____

g) *Crítica do resenhista (apreciação):* _____

h) *Indicações do resenhista:* _____

2. *Comentar a resenha de Henrique IV apresentada. Segue ela a estrutura da resenha? Há defeitos?*
3. *Resenhar Técnicas de comunicação escrita, de Izidoro Blikstein, publicado pela Ática.*
4. *Resenhar Texto e coerência, de Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Carlos Travaglia, publicado pela Cortez.*
5. *Resenhar um livro de sua escolha.*
6. *Comentar a seguinte resenha:*

Foi só Machado de Assis publicar seu “Dom Casmurro”, em 1899, que a personagem Capitu passou a viver uma das grandes perseguições literárias das que se tem notícia no Brasil. Traidora, dissimulada, rameira. Enganou o marido, Bentinho, justo com o amigo dele, Escobar.

O “joga a pedra” na Capitu continuou por longas seis décadas. Até que a morena “dos olhos de ressaca” encontrou, por fim, “advogada de defesa”.

Com o livro “The Brazilian Othello of Machado de Assis”, publicado nos EUA em 1960, a californiana Helen Caldwell fez um importante “espera aí” nessa história: como seria possível cravar que houve adultério se apenas uma das partes, o casmurro Bentinho, relatava o caso? “Praticamente três gerações – pelo menos de críticos – julgaram Capitu culpada. Permitam-nos reabrir o caso”, escreve a ensaísta.

O trabalho de Caldwell deflagrou o grande debate da literatura brasileira, virou ponto de referência incontornável dos estudos machadianos, mas permanecia inédito no Brasil. Depois de quatro décadas, “O Otelo Brasileiro de Machado de Assis” ganha sua primeira edição no país.

Como o nome aponta, o trabalho de Caldwell (1904-1987) não fica restrito às especulações sobre as alcovas de Bentinho e Capitu. Otelo é o personagem de Shakespeare, e é a influência do bardo no bruxo do Cosme Velho um dos pontos de partida da ensaísta.

Só "Otelo", analisa Caldwell, teria aparecido no argumento de 28 narrativas, peças e artigos de Machado. E a estrutura clássica do triângulo de enciumados Iago, Desdêmona e Otelo daria a moldura de "Ressurreição", primeiro romance do carioca, feito 28 anos antes de "Dom Casmurro".

As relações feitas pela estudiosa entre Shakespeare e Machado acabam por não ser o foco central do estudo, mas não são gratuitas. Evocando a relação com o gigante inglês, Caldwell parece querer mostrar ao público americano, que praticamente ignorava Machado, o gigantismo do autor.

"Os brasileiros possuem uma jóia que deve ser motivo de inveja para todo o mundo, um verdadeiro Kohinoor [diamante indiano famoso por seu tamanho] entre escritores de ficção: Machado de Assis", marca ela no início do livro, antes de classificar "Dom Casmurro" como "talvez o maior de todos os romances do continente americano".

Caldwell, diga-se, conhecia cada curva da sinuosa narrativa machadiana. Após uma juventude na qual trabalhou nos estúdios de cinema RKO e aprendeu dança japonesa com o célebre coreógrafo Michio Ito (em cuja companhia chegou a se apresentar), mergulhou com vigor em duas empreitadas intelectuais: estudou grego e latim, tema sobre o qual lecionou por 28 anos na Universidade da Califórnia, e Machado de Assis.

Do "bruxo", ela pioneiramente traduziu, comentou e apresentou nos EUA quatro romances, aí incluída a história de Capitu e Bentinho. Sobre Machado publicou ainda inúmeros ensaios em revistas acadêmicas e também o livro "O Mestre Brasileiro e Seus Romances", trajetória que lhe rendeu a Ordem do Cruzeiro do Sul, em 1959. Mas seu romance com o escritor carioca nunca foi tão forte quanto em "O Otelo Brasileiro".

"Foi o primeiro livro todo dedicado a 'Dom Casmurro' e sobretudo um livro de ruptura, que obrigou a rever a pobre e tranqüila paz com que o romance, malgrado uma ou outra nota dissonante, ia sendo lido desde 1900", afirma à **Folha** o crítico português Abel Barros Baptista. "Espantoso" foi o termo escolhido pelo professor da Universidade Nova de Lisboa para o fato de o ensaio nunca ter sido publicado aqui.

"Caldwell apresenta um 'Dom Casmurro', não apenas diverso, senão que oposto ao que se supunha: e isso basta para fazer de 'O Otelo Brasileiro' um grande livro de crítica literária e uma peça maior da fortuna crítica machadiana", reforça Baptista.

Para o crítico, não é a possibilidade de inocência de Capitu ("sem dúvida decisiva para a leitura da obra-prima de Machado") a grande contribuição do ensaio de Caldwell. "Seu legado foi a necessidade de ler o livro contra o autor ficcional, Bento Santiago, descolando-o, separando-o, discernindo-o do próprio Machado e justamente em nome do mesmo Machado." O autor de obras machadianas como "Autobibliografias" afirma que essa possibili-

dade, “que apenas os herdeiros de Caldwell nos permitem ler no seu livro, revolucionou a leitura de toda a obra machadiana e a levou a um nível de complexidade que nunca atingira antes”.

Ouçamos um dos “herdeiros de Caldwell”, o crítico inglês John Gledson, figura de proa nos estudos machadianos.

“É enorme a importância de Caldwell”, afirma Gledson em depoimento por e-mail. Tradutor de “Dom Casmurro”, ele salienta o pioneirismo da percepção de que “Capitu não é necessariamente culpada de adultério” (vale lembrar que Capitu foi “absolvida” do adultério em “julgamento” promovido pela **Folha** com críticos e advogados em 99, para comemorar cem anos da obra).

“Pode-se dizer que ela exagera, ao acenar que é possível ‘provar’ a inocência de Capitu. Pode-se dizer que os argumentos dela são às vezes estranhos, usando os nomes das personagens, por exemplo, ou enredos de outras obras de Machado, para ‘Dom Casmurro’, sem dar a devida importância aos contextos diferentes. Mas até em seus exageros ela inspirou críticos posteriores a construir argumentos melhores”, conclui o professor da Universidade de Liverpool.

Alfredo Bosi, um dos grandes machadófilos nacionais, ao lado de autores como Roberto Schwarz e Silviano Santiago, aponta uma direção oposta. O crítico faz elogios sobretudo ao fato de Caldwell ter chamado a atenção da crítica americana para a obra de Machado, mas defende que o ensaio “não avança de modo significativo para a compreensão do romance”.

“O livro acaba desviando o leitor do núcleo dramático do romance, que é a transformação de Bentinho em Dom Casmurro”, afirma Bosi à **Folha**. Ainda assim, mesmo crítico do trabalho de Caldwell, comemora sua publicação, tardia, no Brasil. “De todo modo, a tradução da obra é uma iniciativa meritória”, conclui.

O OTELO BRASILEIRO DE MACHADO DE ASSIS. De: Helen Caldwell. Tradutor: Fábio Fonseca de Mello. Editora: Ateliê. Quanto: R\$ 25 (224 p.)” (MACHADO, Cassiano Elek. Capitu ganha “advogada de defesa” californiana. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 nov. 2002, p. E-4).